

economia - Brasil

Os juros e o fôlego

Por qual motivo o Brasil deve ostentar o título de campeão das taxas de juros do planeta? Não existe razão conhecida para que ocupe essa posição nada honrosa. O país tem tomado todas as iniciativas necessárias para ajustar a economia, evitando uma moratória como a da Rússia ou uma desastrosa desvalorização da moeda nos moldes do que fizeram os tigres asiáticos.

No plano internacional, o Brasil vem contando com uma solidariedade jamais recebida. Não apenas nos discursos de apoio, os países que compõem o G-10 e os dirigentes do Fundo Monetário Internacional, do Bird, do BID e do BIS têm-se mobilizado concretamente para levantar, em tempo recorde, uma muralha financeira de proteção às reservas cambiais brasileiras.

E no plano interno, até agora o Governo tem recebido a compreensão, da opinião pública e do Congresso Nacional, para o seu diagnóstico sobre as dificuldades que o país atravessa. A reforma da previdência foi concluída na sua primeira etapa e as demais votações no Legislativo ocorrem — por enquanto — no ritmo desejável.

Portanto, são legítimas as esperanças de que o Brasil executará o pro-

grama de ajuste fiscal nos próximos três anos. Os movimentos especulativos se acomodaram. O país não está imune a novos ataques, mas é evidente que a pior fase da crise foi superada. Dentro desse quadro, perdeu qualquer sentido a política de juros recorde conduzida pelo Banco Central nos últimos meses. Já estava na hora de mudar a trajetória.

Enquanto o setor público não der sinais concretos de que as metas de superávit primário em suas contas estão sendo atingidas, dificilmente haverá credibilidade e espaço para que as nossas taxas de juros caiam para padrões internacionais. Entretanto, com o programa de ajuste em andamento é possível traçar para elas uma trajetória declinante, aproximando-as do nível em que es-

tavam antes da moratória da Rússia.

O Banco Central optou por uma posição conservadora.

Aparentemente, pelas operações realizadas ontem, pode-se deduzir que os juros básicos chegarão a 33%/34% ao ano ao fim de novembro, o que é, ainda, um patamar muito alto. O remédio ainda está duro de engolir e é preciso ter certeza de que a economia nacional tem fôlego para agüentar muito tempo.

...contando
com uma
solidariedade
jamais
recebida
